

Menino da cidade, de férias, na roça...

(Um "causo" para Ana Maria e Neusa, minhas irmãs!)

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO *

- Acho que devia proibir menino de tirar férias!

- Mas por quê?

- Já faz mais de uma semana que eles voltaram para a cidade e eu ainda não esqueci dos estragos que fizeram...

- O que aconteceu?

- Vou te contar... Tudo começou quando eu tive de buscar uma partida de gado lá pelos lados do Cajuru. Os netos tinham chegado para as férias de julho, reuniram com os filhos dos agregados e fizeram uma bagunça danada. Enquanto a avó servia café com quitandas e conversava com algumas visitas, a garotada torceu o pescoço de duas galinhas e despejou meio saco de feijão no moinho de moer milho.

- Nossa, mas que meninos mais encafetados!

- Não te conto nada! Já misturaram os bezerros com as vacas de leite. Soltaram do pastinho as novilhas que já estavam vendidas, reservadas para o Sebastião Portela. De

nada adiantou a avó gritar, o cachorro latir e nem o retreiro correr para acudir. Com aquele reboliço todo o boi zebu, assustado, tentou fugir e quebrou a metade do curral, sem contar um garrote que pulou por cima do tapume e caiu do outro lado, com a perna quebrada.

- É, esses meninos são mesmo danados...

- Outro dia chegou mais visitas lá em casa... os cavalos delas, quando quiseram ir embora, estavam soltos, longe da casa, com os arreios caindo; passei uma vergonha danada! Semana passada, uma casa de João de Barro, construída no galho mais alto da figueira, foi quebrada a pedradas de bodoque. A caixa de marimbondos que existia na beirada do telhado foi cutucada com um bambu, até cair no chão. Era uma caixa de estimacão, diziam que atraía boa sorte e dinheiro... Domingo, enquanto eu enrolava meu cigarrinho de palha, acocorado no terreiro, eles deram um jeito de soltar todos os porcos do chiqueiro. Quando com muito cus-

to consegui prender a porcada, um relincho veio lá do pasto: aquele cavalo alazão, já meio aposentado, estava sendo atacado. Amarraram uma tocha de palha de banana seca no rabo dele e atearam fogo, fazendo o animal sair em debandada pelo pasto afora, quase espalhando fogo na macega. Não houve nem jeito para acudir, pois o animal não parava de galopar até que o fogo acabou com a metade do rabo dele.

- E aí compadre?

- Foi aí que a minha paciência acabou. Passei a mão numa correia e fui encontrar com os meninos. Estalei o cinto no ar, mas senti que aquilo fez mal pro meu coração... Vi que todo mundo ficou meio jururu, aí acalmei, despistei e arrependi.

- Uai, foi mesmo?

- É, foi. Depois a patroa me disse que eu estava errado, que menino da cidade, de férias na roça, era assim mesmo! Naquela quadra as férias já estavam chegando no final e percebi que o dia dos meninos volta-

rem pra cidade já estava perto.

- Que baita alívio, compadre!

- Fui é ficando triste... Parece que até a fazenda entristecia também.

- Deveras...

- No dia de ir embora fiz força pra não chorar. Quiseram ir embora na carroceria do caminhão do leite, até no arraial. Eu quis ir junto, com a desculpa deles aprontarem alguma coisa no caminho. Chegamos bem e começaram a subir na jardineira. Tomavam bênção e me perguntavam se no final do ano poderiam voltar...

- É claro que o compadre falou que não. Deu graças a Deus!

- Falei foi Deus abençoe a vocês e que São Miguel acompanhe! Mas voltem no próximo feriado, porque o fim do ano vai demorar muito... Na volta, você não vai acreditar, mas deu até vontade de chorar, ainda mais quando encontrei a fazenda triste. Afinal, compadre, menino da cidade, de férias, na roça, é assim mesmo! É ou não é?

* PRESIDENTE DO IHG E MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DE S. JOÃO DEL-REI/MG

Jornal de Minas

São João del-Rei - MG - Ano V - Edição 75 - 21 a 28 de setembro de 2006, pág. 2